

Linguística, Letras e Artes e sua Atuação Multidisciplinar 2



Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Linguística, Letras e Artes e sua Atuação Multidisciplinar 2



Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima

Luiza Batista 2020 by Atena Editora

Maria Alice Pinheiro Copyright © Atena Editora

Edição de Arte Copyright do Texto © 2020 Os autores

Luiza Batista Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Revisão Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora

Os Autores pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacão do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

- Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Luiza Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

L755 Linguística, letras e artes e sua atuação multidisciplinar 2 [recurso eletrônico] / Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-206-7

DOI 10.22533/at.ed.067202307

1. Artes. 2. Letras. 3. Linguística. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de.

CDD 410

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E SUA ATUAÇÃO MULTIDISCIPLINAR 2, coletânea de vinte e três capítulos que une pesquisadores de diversas instituições nacionais e internacionais, discute temáticas que circundam a grande área das Letras e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber, como marcado pela proposta multidisciplinar fixada no seu escopo maior.

Destarte, esse volume está ancorado em três eixos maiores: a Linguística, a Letras e as Artes. É assim que o diálogo se dá, sempre observando o entrelaçar com outras áreas, assim como o debatido e refletido a partir de construções sociais para o tema.

No momento dedicado a Linguística, temos doze capítulos que atravessam as variadas correntes analíticas dos estudos linguísticos, dos estudos advindos das contribuições de Saussure até mesmo a aplicação do ensino de língua, seja portuguesa ou inglesa, e a sua interação com o suporte, com o livro didático.

A etapa voltada para a Literatura, apresentamos seis capítulos que mantêm essa proposta de diálogo com a atualidade e com os dilemas sociais do momento, assim observamos discussão que paira os livros infantis e as representações de sentimentos e perturbações humanas na composição literária.

As Artes aqui congregam cinco capítulos que abordam a dramaturgia, a pintura e a música, esta também dialogada com a experiência e o exercício do profissional da área.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A LÍNGUA COMO ELEMENTO DE PODER: UMA REVISÃO HISTÓRICA A PARTIR DOS EXCERTOS DE SAUSSURE	
Lucas da Silva Paulino	
DOI 10.22533/at.ed.0672023071	
CAPÍTULO 2	15
A INTERFERÊNCIA DOS FATORES EXTRALINGUÍSTICOS NA CONCORDÂNCIA VERBAL	
Renné da Glória Andrade Valéria Viana Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.0672023072	
CAPÍTULO 3	20
CASOS DE FLUTUAÇÃO DO MODO SUBJUNTIVO: ATOS DE FALA DO CAMPO SEMÂNTICO DE DÚVIDA	
Adriana Ferreira de Sousa de Albuquerque Alessandra Zager Tinoco Viana	
DOI 10.22533/at.ed.0672023073	
CAPÍTULO 4	38
ENTRE PALAVRAS E PALAVRÕES CAMINHA A HUMANIDADE: INTERFACES LINGUÍSTICO-DISCURSIVAS	
Samara Trovão Meneguetti Claudia Maris Tullio	
DOI 10.22533/at.ed.0672023074	
CAPÍTULO 5	51
A PERSPECTIVA INTERACIONISTA NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA MATERNA E COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: UM ESTUDO DE INTER-RELAÇÕES	
Laíza da Costa Soares Araújo Mônica Mano Trindade Ferraz	
DOI 10.22533/at.ed.0672023075	
CAPÍTULO 6	63
ONDE ESTÁ O SUCESSO? UMA ANÁLISE DA OBRA “O SUCESSO PASSO A PASSO”	
Thiago Barbosa Soares	
DOI 10.22533/at.ed.0672023076	
CAPÍTULO 7	78
POLIFONIA DE ENUNCIADORES E OPERADORES ARGUMENTATIVOS NO DISCURSO JORNALÍSTICO	
Laíza da Costa Soares Araújo Mônica Mano Trindade Ferraz	
DOI 10.22533/at.ed.0672023077	
CAPÍTULO 8	91
DISCURSO JURÍDICO E PLANEJAMENTO FAMILIAR: ANÁLISE SOB UM VIÉS FOUCAULTIANO	
Felipe Bini Claudia Maris Tullio	
DOI 10.22533/at.ed.0672023078	

CAPÍTULO 9	102
GÊNEROS TEXTUAIS E DOCÊNCIA COMPARTILHADA, UMA PRÁTICA AO AUXÍLIO DO PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM	
Cleber Cezar da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.0672023079	
CAPÍTULO 10	113
ATIVIDADES DE ENSINO DE VOCABULÁRIO EM LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO MÉDIO: SOB OS ASPECTOS LEXICAIS	
Rosemeire de Souza Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.06720230710	
CAPÍTULO 11	125
O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA VISÃO HISTÓRICA SOBRE ESTE INSTRUMENTO PEDAGÓGICO	
Gabriela Schmitt Prym Martins Roberta Costella	
DOI 10.22533/at.ed.06720230711	
CAPÍTULO 12	137
PRÁTICAS DE LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS CURTOS EM LÍNGUA INGLESA NO ENSINO MÉDIO	
Gabriel Marchetto	
DOI 10.22533/at.ed.06720230712	
CAPÍTULO 13	144
A FUNÇÃO SOCIAL DOS LIVROS INFANTIS COM PROTAGONISTAS/PERSONAGENS NEGROS	
Thamiris Adão Ferreira da Silva Jovana Aparecida da Silva Lídia Maria Nazaré Alves	
DOI 10.22533/at.ed.06720230713	
CAPÍTULO 14	154
PERCEPÇÕES SOBRE O LIVRO CHAPEUZINHOS COLORIDOS DE JOSÉ ROBERTO TORERO E MARCUS AURELIUS PIMENTA	
Katiane Dal Molin	
DOI 10.22533/at.ed.06720230714	
CAPÍTULO 15	164
TEXTURAS E TESSITURAS DA LÍRICA: UM MODO DE LER A POESIA DE MAX MARTINS	
Carolina da Costa de Almeida Raphael Bessa Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.06720230715	
CAPÍTULO 16	176
A REPRESENTAÇÃO DA LOUCURA, MORTE E LUTO NO CONTO “A TERCEIRA MARGEM DO RIO” DE JOÃO GUIMARÃES ROSA	
Thaína Martins da Silva Lídia Maria Nazaré Alves	
DOI 10.22533/at.ed.06720230716	

CAPÍTULO 17	187
RELACIONAMENTO ABUSIVO COMO MORTE METAFÓRICA: ANÁLISE DA OBRA RETRATOS DE CAROLINA DE LYGIA BOJUNGA	
Ana Carolina de Castro Batista Thiago Alves Valente	
DOI 10.22533/at.ed.06720230717	
CAPÍTULO 18	198
CAMILO CASTELO BRANCO NO SÉCULO XXI	
Luiz Eduardo Martins de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.06720230718	
CAPÍTULO 19	208
O FIO DA NARRATIVA MÍTICA NA TRAMA DE DRAMATURGIAS FEMINISTAS	
Luciana de Fátima Rocha Pereira de Lyra	
DOI 10.22533/at.ed.06720230719	
CAPÍTULO 20	216
A CIÊNCIA AO SERVIÇO DA ARTE E DA CONSERVAÇÃO E RESTAURO: TRÊS CASOS DE ESTUDO EM PINTURAS MURAIS DO PROJETO <i>PRIM'ART</i>	
Milene Gil Duarte Casal	
DOI 10.22533/at.ed.06720230720	
CAPÍTULO 21	227
OS TRANCOS DO PROGRESSO: O OLHAR CAIPIRA SOBRE SÃO PAULO NA MODA DE VIOLA BONDE CAMARÃO	
Carlos da Veiga Feitoza Beatriz Magalhães Castro	
DOI 10.22533/at.ed.06720230721	
CAPÍTULO 22	243
SITUAÇÃO PROFISSIONAL DE EGRESSOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM MÚSICA: ATUAÇÃO MULTIDISCIPLINAR NA E FORA DA ÁREA DE MÚSICA	
Juraci Alves Silva Neto Cíntia Thais Morato	
DOI 10.22533/at.ed.06720230722	
CAPÍTULO 23	258
A MÚSICA E O INGLÊS DE MÃOS DADAS NA “TARDE CULTURAL”: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA MUNICIPAL ROTARY NO MUNICÍPIO DE MOSSORÓ-RN	
Danilo Augusto de Menezes Giann Mendes Ribeiro Rita Célia Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.06720230723	
SOBRE O ORGANIZADOR	269
ÍNDICE REMISSIVO	270

ENTRE PALAVRAS E PALAVRÕES CAMINHA A HUMANIDADE: INTERFACES LINGUÍSTICO- DISCURSIVAS

Data de aceite: 10/07/2020

Samara Trovão Meneguetti

<http://lattes.cnpq.br/6240285046710160>

Claudia Maris Tullio

<http://lattes.cnpq.br/9417865332945400>

RESUMO: Assim como qualquer outro processo comunicativo, o palavrão deve ter seu lugar em estudos acadêmicos. Por este motivo o presente artigo tem como objetivo analisar dez expressões, consideradas de baixo calão pelo tabuísmo que as acompanha, a partir da lexicografia. Portanto, serão comparadas as significações destas dez expressões em três dicionários de épocas diferentes, são eles: *Dicionário de Língua Portuguesa* (1943), de Antenor Nascentes; *Dicionário do palavrão e termos afins* (1980), de Mario Souto Maior e o *Pequeno dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2015), de Mauro Salles Villar e Francisco Manoel de Mello. A diferença entre os anos de publicações é de suma importância para entender como estas expressões foram tomando novas significações, deixando de ter certas significações e sendo utilizadas de outras maneiras, muitas vezes sem o intuito de ofender o interlocutor.

PALAVRAS-CHAVE: Lexicografia; Linguagens especiais; Palavrão.

ABSTRACT: Like another communicative process, the insulting word must have its place in the academic study. For this reason the presente article seeks to analyze ten expressions, considered bad languages by the taboo that follow them, based on lexicography. Therefore, the ten words significances will be compared on three period diferents dictionaries, will be they: *Dicionário de Língua Portuguesa* (1943), de Antenor Nascentes; *Dicionário do palavrão e termos afins* (1980), de Mario Souto Maior e o *Pequeno dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2015), de Mauro Salles Villar e Francisco Manoel de Mello. The diference between the publication years has an utmost importance to understand how this expressions were taking new significances, discarding some significances and being used in other ways, sometimes without the intention of offending the interlocutor.

KEYWORDS: Lexicography; Special languages; Insulting words.

INTRODUÇÃO

A gíria é um recurso linguístico que faz parte da sociedade em geral. Segundo Gurgel (1998, p. 28), “a gíria é a manifestação da língua viva. É a expressão dinâmica da maneira de

um grupo social e mesmo de uma sociedade se expressar”. E seguindo esse pensamento, entende-se que por meio da gíria pode acontecer uma aproximação entre os interlocutores que as utilizam, devido ser uma linguagem descontraída e simples.

Por outro lado, a gíria é diretamente relacionada com o tipo de linguagem utilizado por grupos diversos de falantes: malandros, marginais, pobres etc., portanto são consideradas tabu, algo que não agrada aos ouvidos. E, em virtude disso, “ainda não permitiu pesquisadores olharem de forma mais ampla para os mais corriqueiros, e não menos complexos, processos comunicativos” (SANTOS; COSTA, 2013, p. 332).

Já que a língua é heterogênea e as pessoas possuem um convívio no cotidiano com as gírias, estudar a gíria como qualquer outro recurso linguístico se torna um dever dos pesquisadores. Gueiros (1979) divide os tabus em dois grupos: o “Próprio”, no qual a proibição de dizer a palavra é relacionada com uma força sobrenatural, como “diabo”; e “Impróprio” em que a proibição existe por seu sentido imoral ou grosseiro, como “foda”.

As linguagens especiais abordadas por Cabello (2002, p. 176), encontram-se no grupo do “Impróprio”, pois essas “estão ligadas a determinados tipos de variações socioculturais de linguagem e são empregadas para caracterizar a expressão de modos peculiares de pensar e agir ou para nomear atividades específicas”.

E nas linguagens especiais, que possuem sentido imoral ou grosseiro, é possível encontrar o objeto deste estudo: o palavrão. O palavrão é uma gíria obscena em que expressões de baixo calão são proferidas a fim de liberar “a emoção individual de cada falante” (SANTOS; COSTA, 2013, p. 337). O que dá ao palavrão seu tabuísmo é o sentido negativo de medo, nojo e/ou raiva que ele conduz.

As palavras de baixo calão seguem a regra de fazerem parte das palavras e expressões proibidas, pois são entendidas como ‘desrespeitos’. No entanto, não existe um real entendimento do significado do palavrão, nem pelo falante nem pelo ouvinte. É possível substituí-los por palavras eufêmicas, contudo não são seus significados efetivos. Existem os significados do senso comum, que causam uma aceitação popular.

Com o objetivo de analisar “de que forma os sentidos foram sendo constituídos e postos em funcionamento” (FERNANDES; SOUZA, 2013, p. 58), o presente trabalho procura analisar dez expressões, são elas: “bosta”, “caralho”, “cacete”, “cu”, “dar”, “filha da puta!”, “porra”, “puta que o pariu!”, “vai te foder!” e “vai tomar no cu!”, a partir de três dicionários diferentes, a fim de comparar as denotações que cada um destes dá a estas expressões.

A penúltima expressão escolhida, “vai te foder!”, transforma-se em “vai se foder!” a partir da utilização cotidiana na língua portuguesa no Brasil, principalmente, pela exclusão quase completa da segunda pessoa do singular, “tu”, no vocabulário da sociedade. O “tu” é diretamente trocado por “você”, em que todos os “teus”, se tornam “seus” e todos os “te”, como na expressão citada, se tornam “se”.

A análise tem como suporte a lexicografia, linha de pesquisa que aborda os estudos tanto de vocabulários, glossários e enciclopédias quanto de dicionários, dado que estes “constituem uma organização sistemática do léxico, uma espécie de tentativa de descrição do léxico de uma língua” (BIDERMAN, 2001).

É válido ressaltar que existem muitas variedades de dicionários, os bilíngues, os analógicos, os terminológicos, entre outros, porém, apenas um dicionário de palavras no Brasil, intitulado *Dicionário do Palavrão e termos afins*, de Mário Souto Maior, de 1980, que será um dos dicionários a ser comparado com o *Pequeno Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, de 2015 e o *Dicionário de língua portuguesa*, de 1943, de Antenor Nascentes, principalmente pelas alterações que serão notadas por conta dos anos de diferença entre eles.

A sociedade vive em constante mudança bem como a linguagem, conforme Bueno e Orsi (2014, p. 4), “o léxico acompanha as mudanças socioculturais dos falantes”. E, por esse motivo, os dicionários não conseguem se manterem fiéis e estáveis com o léxico de qualquer língua. Eles utilizam significados já obsoletos e constroem o paradigma linguístico dominante, como Luis Fernando Lara (2004) aponta no trecho abaixo.

a) não é uma descrição fiel de uma realidade verbal metódica e estatisticamente estudada em uma determinada população, b) tem um cunho normativo explícito ou implícito, que modifica totalmente esta realidade, e c) é uma obra de caráter utilitário e mercantil. Por isso é tão evidente a quase ausência de uma [...] análise [...] dos dicionários na semântica contemporânea, na pragmática, qualquer que seja sua definição [...] (LARA, 2004, p. 134).

À vista disso, serão analisados os vocábulos de cada uma das dez expressões escolhidas, principalmente, por estes não serem estudados com tanta frequência por acadêmicos e porque “cada vocábulo traz, em suas acepções, marcas do histórico-ideológico [...], o que demonstra que, além de colocar em circulação sentidos já dados, produz novos sentidos, silenciando outros” (FERNANDES; SOUZA, 2013, p. 59).

Portanto, analisaremos, também, aqueles termos que os dicionários excluem, que “silenciam” por fazerem parte somente das linguagens especiais. Os dicionários ignoram os sentidos diversos que essas expressões poderiam ter, além dos sentidos pejorativos, como a norma culta aborda.

A oralidade

Saussure (1970), trabalha com algumas dicotomias e uma das mais conhecidas é a língua/fala. É notório que a fala, item suprimido por Saussure, está contida na oralidade e que a escrita não é uma representação da fala, já que “de tempos em tempos, temos reformas ortográficas e novas regras para a escrita” (MARCUSCHI, 2007, p. 58), o que não acontece com a fala.

O que não quer dizer que uma se sustenta superior em comparação à outra. Existem “práticas sociais mediadas preferencialmente pela tradição escrita e outras pela tradição oral” (MARCUSCHI, 2007, p. 60), e cada uma tem a sua importância nas práticas sociais que se fazem necessárias.

E a escolha por um desses acontece de forma natural, já que, por exemplo, em casos policiais, as testemunhas devem fazer um depoimento, o qual é constituído de oralidade, porém não foi escolhido que assim seria. Tais usos não devem ser analisados “sob a ótica da

escrita, justamente porque a escrita é uma padronização e uma regulamentação da língua que não se verifica na fala” (MARCUSCHI, 2007, p. 59).

O tabu

O que acontece naturalmente, também, é evitar certas ações, por parte do indivíduo, a partir de uma determinação da sociedade da qual ele faz parte. Esse ato de evitar é denominado tabu que “é uma palavra de origem polinésia, *tapu*, que significava tudo o que era sagrado, mas também proibido” (BUENO; ORSI, 2014, p. 5).

O tabu está relacionado com proibições por temer algo. “Na cultura cristã, muitas palavras sagradas acabam por não poderem ser proferidas [...] por se tratarem de palavras relacionadas ao mistério de Deus. A própria Bíblia aconselha [...] não tomar o seu santo nome em vão” (SANTOS; COSTA, 2013, p. 333). Também existe o tabu de não se comer certos tipos de carne em certas datas, na Igreja Católica, pois isso representaria alguma maldição para quem o fizesse.

É possível observar a carga semântica que tais palavras carregam, o medo que as representam. Por isso existe o tabu linguístico, que aborda a proibição de certas expressões, por se tratarem de palavras que carregam algo desagradável. Entre essas expressões, as principais são as que estão relacionadas ao âmbito da sexualidade e aos órgãos excretórios.

Orsi (2011 *apud* Zotelli Filho e Maeda, p. 108) define o tabu linguístico como “um sistema de superstições relacionados a valores morais [...] [e] sinônimo de transgressão; estipula o que é autorizado e o que não se permite em determinada sociedade”. Portanto, existem expressões que não podem ser ditas em certas ocasiões, como os palavrões que “quando pronunciados em público causam espanto, e, então, o tabu se faz presente e constrói barreiras em torno do assunto” (BUENO; ORSI, 2014, p. 6).

A sociedade impõe o tabuísmo dos palavrões para manter a aparência de ordem e controle. Para isso, são utilizados os eufemismos das palavras de baixo calão. Os eufemismos são criados para a desconsideração de tais expressões como tabus, mas com a intenção de tentar manter a função dos palavrões, que são caracterizadas como: “expressar emoções e desejos humanos, como: sexo, raiva, frustração”, sendo “palavras que lidam com o íntimo de cada pessoa” (BUENO; ORSI, 2014, p. 6).

Lexicografia

A lexicografia é uma atividade muito antiga e tradicional, pois sempre foi necessário existir algo que explicasse o significado das palavras utilizadas no cotidiano, como Lara (2004) aborda: “A lexicografia nasceu como uma necessidade social e informativa muito tempo antes de que a linguística se constituísse como ciência.”

Segundo Silva (1996, *apud* FERNANDES; SOUZA, 2013), no dicionário podemos encontrar a completude e a constância do sentido e a legitimidade da língua portuguesa, porém, nesse, o termo “palavrão” possui um significado de obsceno ou grosseiro, ignorando que a sua utilização vai além disso.

O palavrão muitas vezes pode apontar uma qualidade positiva, evidenciar afetividade, entre outros significados possíveis para o termo. Portanto, é possível afirmar que esse “é carente de definição nos dicionários, diante do seu atual emprego na língua portuguesa” (ZOTELLI FILHO; MAEDA, 2014, p. 110).

Assim, sua utilização foge de sua definição, não só do termo “palavrão”, mas também das palavras e expressões que o compõem. Muitas vezes os interlocutores que utilizam os palavrões e os recebem não reconhecem seu significado efetivo. Por conta disso, serão comparados os significados de dez expressões de baixo calão a partir de três dicionários, considerando as diferentes datas de publicação.

O primeiro dicionário no qual as expressões serão analisadas é o *Dicionário da língua portuguesa*, de Antenor Nascentes, publicado no ano de 1943, dividido em quatro volumes a fim de abordar todas as letras do alfabeto. Por ser o dicionário mais antigo, haverá termos que não estarão presentes nele, já que as palavras vão sendo criadas, modificadas e utilizadas através do tempo.

O segundo dicionário será o *Dicionário do palavrão e termos afins*, de Mario Souto Maior, que foi publicado no ano de 1980. É incontestável que os cientistas e pesquisadores não dão devido valor aos estudos de palavras de baixo calão, ainda que sejam recursos linguísticos como todo e qualquer termo das gramáticas, principalmente, por esse ser o único dicionário de palavrões do Brasil.

E o último dicionário verificado será o mais atual, *Pequeno dicionário Houaiss da língua portuguesa*, de Mauro Salles Villar e Francisco Manoel de Mello, publicado em 2015, portanto é mais incorporado com a contemporaneidade e, dessa forma, será possível analisar a diferença com os outros que são mais antigos.

Entre os dicionários estão os palavrões

As expressões serão dispostas a partir da ordem alfabética, enquanto os dicionários serão dispostos a partir da ordem cronológica, do mais antigo ao mais atual. Portanto, vejamos os vocábulos do termo “bosta”, a seguir.

NASCENTES, 1943

bosta. S.f. Excremento de gado bovino, muar, cavalariça e de outras espécies. (Derivado regressivo do ant. *bostal*, curral de bois, do lat. *bostare*).

MAIOR, 1980

Bosta: a) “Merda”, conforme Aurélio Buarque de Holanda; b) “Pessoa ou coisa que não presta”. Abon.: “O homem que não tem condições e a equipe é uma bosta”; c) Bordel (Sul).

HOUAISS, 2015

bosta (bos.ta) s.f. **1** excremento animal ou humano **2** fig. pej. indivíduo mole, preguiçoso **3** fig. pej. coisa malfeita interj. **4** gros. expressa aborrecimento, desprazer, descontentamento

Observa-se que nos três dicionários permaneceu a ideia de associação do termo “bosta” com os termos “merda” ou “excremento”, existindo, então uma permanência do sentido

em relação à diacronia. Ou seja, mesmo com a grande diferença dos anos de publicações dos dicionários, a ideia do seu sentido estar relacionado com fezes se manteve nos três dicionários nas três épocas.

No primeiro dicionário, é apresentada a etimologia do termo, algo que não foi feito nos outros dicionários, mostrando a aproximação que ainda havia na época com a língua latina. Enquanto, no segundo dicionário é acrescentado que no sul do país, o termo “bosta” pode significar bordel, portanto o *Dicionário do palavrão* (1980) possui um sentido mais amplo em relação aos significados de cada expressão.

Porém, como não existe apenas um sentido para qualquer que seja a palavra – inclusive para os palavrões – existe outro sentido não pejorativo que se faz presente apenas no Houaiss (2015), em que houve a inclusão de algo que expressa um descontentamento, tal como um desabafo sem a intenção de ofender qualquer pessoa.

O próximo termo a ser analisado é “cacete”. Examinemos:

NASCENTES, 1943

cacête. (ka'seti) S.m. Pedaco, curto e grosso, de pau, usado como arma. Bordão, maça. || Adj. (Pop.) Maçador, importuno, impertinente. || U.t.c.s. Pessoa cacête. Que não tem o menor sinal do pelo nem nas partes encobertas (cavalo). (Do fr. casse-tête, com haplologia).

MAIOR, 1980

Cacete. Pênis (Nordeste, Sul, registram Ariel Tacla e Tomé Cabral) Abon.: “Ele puxou o cacete para fora das calças e retrucou: Só se eu cortar o pau”.

HOUAISS, 2015

cacete (ca.ce.te) /ê/ s.m. **1** bastão de madeira, us. para dar pancadas, servir de apoio etc. **2** algo cuja forma comprida e/ou cilíndrica lembra a desse bastão **3** gros. pênis, caceta **4** B infm. Cacetada, bordoadada **5** p. ext. ifrm surra [...] **6** (o) que provoca tédio, aborrecimento; maçante interj. **7** gros. expressa apreensão, lembrança repentina, aborrecimento pra c. B infm. gros. muito, em grande quantidade ou intensidade.

O primeiro dicionário aponta que o termo pode ser usado em diferentes ocasiões, podendo ser um substantivo masculino ou um adjetivo. O adjetivo foi o surpreendente, pois, então, naquela época “cacete” havia sentido de importuno, ou seja, poderia chamar alguém de “cacete” sem existir uma grosseria.

E, mais uma vez, o dicionário mais antigo aborda sua etimologia como francesa, que veio do termo “cacetete” e aconteceu uma haplologia, ou seja, extinguiu-se uma das sílabas iguais, tornando, assim, a expressão que utilizamos hoje em dia como baixo calão, o “cacete”.

O Houaiss (2015) e o Nascentes (1943) trazem como significado principal “bastão de madeira” ou “pedaço de pau”, o que nem sequer é citado no Maior (1980), pois foca apenas no órgão sexual masculino, abordado, também, em Houaiss (2015), mas apenas como o terceiro significado do termo, usado menos do que como “bastão de madeira”.

Assim como em “bosta”, o terceiro dicionário encontra um significado para “cacete” de que este “expressa [...] aborrecimento” (HOUAISS, 2015, p. 147) e não tem intenção de ofender alguém. É possível relacionar com o que Santos e Costa (2013, p. 337) apontaram

sobre o palavrão, que este serve para “liberar a emoção individual de cada falante”. E é nesse sentido que “bosta” e “cacete” são formas de demonstrar um desagrado pessoal.

Quando o interlocutor utiliza a seguinte oração “Minha cama é grande pra cacete”, não há como negar que o “pra cacete” está sendo utilizado como advérbio de intensidade e, acredito, que esse seja o emprego mais comum que as pessoas dão ao termo “cacete”. No entanto, ele ainda é visto como algo obsceno e não permitido, haja vista que nem no próprio *Dicionário do palavrão* (1980) existe esse sentido para o termo, mas apenas no Houaiss (2015), por ser mais contemporâneo.

Analisaremos a seguir o palavrão “caralho” e seus significados a partir dos dicionários:

MAIOR, 1980

Caralho. Pênis. Segundo L. Spitzer, vem do latim *characulu*, diminutivo de Kharax, palavra grega que significa estaca, pau, registra Silveira Bueno. Este vocábulo também é bastante usado em Portugal e, conforme informação do repórter Luís Rosa Duarte, do jornal *A Capital* de Lisboa, muda a intensidade de sua significação: no Norte de Portugal, por exemplo, *caralho* tem o mesmo significado que no Sul, mas no Sul é um termo altamente obsceno, o que não acontece no Norte onde as pessoas costumam usar o vocábulo sem aquela intensidade altamente obscena [...]

HOUAISS, 2015

caralho (ca.ra.lho) s.m. gros. **1** pênis interj. gros. **2** expressa admiração, entusiasmo <c., que maravilha!>**3** exprime raiva, indignação <c., queimei o dedo> **pra c.** B gros. **1** muito, demais <gostou pra c. do filme; pra cacete>**2** em grande quantidade; à beça <veio gente pra c. à apresentação; pra cacete>

Esta expressão de baixo calão não foi encontrada no *Dicionário da língua portuguesa* (1943), o que pode significar duas coisas: a primeira é que tal expressão podia existir, porém trazia um significado tão obsceno a ponto de não adicionarem ao dicionário, e a segunda é que pode ser que o termo não era utilizado frequentemente ainda, e, por esse motivo, não está presente no dicionário da época.

O *Dicionário do palavrão*, de Mário Souto Maior (1980), aborda apenas um significado do termo “caralho”, mas traz toda sua etimologia vinda da Grécia e o como aumenta sua intensidade em cada parte de Portugal, por exemplo, que no Sul é mais obsceno que no Norte.

Diferente de Maior (1980), o Houaiss (2015) aborda vários significados além do principal que é idêntico ao único significado do *Dicionário do Palavrão* (1980). “Pênis”, nome do órgão sexual masculino, é representado, então, por “caralho e “cacete”, de acordo com os dicionários analisados.

Contudo, da mesma maneira que aconteceu nos outros termos, o último dicionário aborda os significados relacionados às emoções, tanto para um entusiasmo, como está grafado com exemplo de “caralho, que maravilha!” (HOUAISS, 2015, p. 181), quanto para uma frustração, como no exemplo de “caralho, queimei meu dedo!” (HOUAISS, 2015, p. 181).

E, mais uma vez, aproximando-se do termo “cacete”, o termo “caralho”, também, é

utilizado muitas vezes como advérbio de intensidade, como comprovado no exemplo “gostou pra caralho do filme” (HOUAISS, 2015, p. 181). E o próprio dicionário faz essa aproximação colocando que “pra caralho” pode ser substituído por “pra cacete”.

O próximo termo a ser analisado é o “cu”. Observemos as seguintes significações em cada dicionário.

NASCENTES, 1943

cu. ('ku) S.m. (Chulo) Ânus. Parte do corpo sôbre a qual homem e animais se apóiam quando se assentam. || (*Náut.*) Extremidade do moitão ou bigota, oposta à cabeça. (Do lat. *culu*).

MAIOR, 1980

Cu. “Ânus”, registra Aurélio Buarque de Holanda. [...]

HOUAISS, 2015

cu. s.m. *gros.* o final do intestino grosso, por onde saem as fezes; ânus.

Os três dicionários concordam em relação a significação do termo, abordando “cu” como o “ânus”, parte do corpo por onde saem as fezes e apontando como uma expressão chula ou grosseira. Portanto, é possível concluir que tal termo não passou por alterações através do tempo.

Apenas o significado náutico que estava presente no *Dicionário da língua portuguesa* (1943), no trecho “Extremidade do moitão ou bigota, oposta à cabeça” deixou de existir, pois não encontramos nos outros dicionários mais atuais. Talvez, porque, na época, as navegações eram mais comuns comparadas à atualmente.

Mais uma vez, em Nascentes (1943), é possível saber mais sobre a etimologia do termo, pois este traz que a origem do termo “cu” é o termo em latim “*culu*”. Em contrapartida, os outros dicionários não abordam nada além do significado “ânus” e outras maneiras de explicá-lo.

O termo a seguir é um verbo – “dar” –, portanto possui diversas significações completamente distantes de um cunho vulgar.

NASCENTES, 1943

dar. ('dar) V.tr. Transferir gratuitamente, sem formalidades, com a simples entrega, a propriedade de uma coisa. Entregar. Transferir. Doar. Presentear. Fazer esmola. Produzir. Destinar. Realizar. Incumbir. Conferir. Prescrever. Ministrir. Admitir, supor. Consentir. Apresentar. Expor. || V. pron. Entregar-se a novos hábitos, costumes de qualquer modo, sem ideia de transformação, como que conformando-se. (Do lat. *dare*).

MAIOR, 1980

Dar. “Como verbo intransitivo, dar significa estar o homem praticando o homossexualismo e a mulher tendo relações sexuais”, registra Raimundo Girão. [...]

HOUAISS, 2015

dar. v. t.d.i. **1** (prep. a) pôr na posse de; entregar [...] **2** (prep. a.) oferecer como presente [...] **3** (prep. a) pôr à disposição de; oferecer; conceder [...] 23 (prep. com) ter contato com;

relacionar-se; <d.-se com os vizinhos> **d. com** deparar-se com; topar, encontrar <deu com o avô ao virar a esquina>**d. de** começar a <deu de chorar e não parava>**d. em cima de** B. infm. **1** procurar com fins amorosos <d. em cima da nova vizinha>**2** exigir muito; pressionar <deu em cima dos empregados> [...]

Como já foi dito, existem muitos significados para o verbo “dar”, por esse motivo foram selecionados apenas alguns dos significados dos dicionários, diminuindo o número de exemplos em cada um deles. É possível perceber que no primeiro e no terceiro dicionário, as significações estão próximas, porém essas estão distantes do único significado do segundo.

O *Dicionário do palavrão* (1980) aborda apenas o significado obsceno, fazendo jus com o seu título. O termo “dar” é o ato sexual, seja para mulher com homens, seja para homens com homens. É válido perceber que o ato sexual do homem para com a mulher não pode ser utilizado este termo, apenas o “homossexualismo”.

Nos outros dois dicionários, tanto o mais antigo quanto o mais atual, não apresentam algum aspecto de obscenidade. O mais próximo disso que foi encontrado, foi em Houaiss (2015), quando é colocado o “dar em cima de” que pode significar “procurar com fins amorosos” (HOUAISS, 2015, p. 283). Mas ainda não é considerado pelos autores como obsceno, apenas como informalidade.

A seguir, será analisada a expressão “filho da puta”, a partir de dicionários.

MAIOR, 1980

Filho-da-puta. O significado da expressão está contido na mesma. Trata-se da maior ofensa que se possa fazer a outra pessoa, pois atinge àquela que nos deu a vida. Quando proferida por crianças – principalmente – dá briga na certa; entre adultos, tem motivado até homicídios. Apesar de continuar sendo ofensa das maiores, a expressão ganhou, agora, uma conotação diferente entre os jovens. Um jogo de futebol bom é um jogo *filho-da-puta*, o mesmo acontece com uma boa festa (uma festa *filha-da-puta*) e outros acontecimentos e coisas excepcionais. Origenes Lessa explica: “*Filho-da-puta* hoje não ofende ninguém. Depende da intenção. Quando você quer dizer que um cara é bacana, você não diz que ele é *filho-da-puta* de bom, *filho-da-puta* de bonito, *filho-da-puta* de forte?”. Como se vê, a expressão é uma faca de dois gumes: fere profundamente ou elogia desbragadamente, tudo dependendo da intenção aliada à entonação da voz de quem a profere, como da região (entre os sertanejos o uso da expressão é motivo de bala). [...]

HOUAISS, 2015

filho da puta (fi.lho da pu.ta) [pl.: *filhos da puta*] s.m. gros. pessoa não confiável, traiçoeira, desonesta etc.; filho da mãe pode ser empr. ironicamente como elogio ou em linguagem afetiva, com o que perde o caráter pejorativo.

Assim como o termo “caralho”, “filho da puta” não está contido no *Dicionário da língua portuguesa* (1943), de Antenor Nascentes, talvez por ainda não ser comum seu uso no cotidiano da época, ou, mais uma vez, por ser algo tão pejorativo, como é citado em Maior (1980) “trata-se da maior ofensa que se possa fazer a outra pessoa” (p. 55), que existia um tabu até mesmo por parte dos dicionários.

O *Pequeno dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2015) aborda a expressão resumidamente, apontando como algo ruim, como uma pessoa que não se pode confiar,

fazendo-o como sinônimo de “filho da mãe”. Apesar de esse ser exatamente um eufemismo de “filho da puta”, buscado pelas pessoas que não gostam de falar palavrões, mas precisam expressar um sentimento.

Contudo, o Houaiss (2015), também apresenta a utilização do termo como um elogio irônico e como uma “linguagem afetiva” (HOUAISS, 2015, p. 455), quando o sentido obsceno é desprezado. Assim como Maior (1980), traz inclusive com exemplos o lado em que “filho da puta” é utilizado para exaltar algo, como em “Um jogo de futebol bom é um jogo *filho-da-puta*” (MAIOR, 1980, p. 55).

Dessa forma, fica claro como as expressões de baixo calão não estão apenas para os significados pejorativos, mas também são utilizadas cotidianamente para elogiar ou confirmar uma relação amigável, como é visto em ambos os dicionários. Mesmo que Maior (1980) aborde o significado decente do termo, também aponta que é o pior palavrão a ser utilizado, por ofender a mãe de quem o recebe e não apenas a pessoa.

Apesar de não mostrar a etimologia da expressão, o *Dicionário do palavrão* (1980) aborda todos os significados possíveis, colocando mais exemplos que foram cortados por nós, a fim de confirmar que com crianças e sertanejos o termo pode trazer um sentido e com jovens pode trazer outro sentido.

A próxima expressão a ser analisada, é a expressão “porra”. Vejamos.

MAIOR, 1980

Porra. “Cacete, pau, bastão, bengala forte, clava. Do Latim, *porrum*, *aliumporrum*, alho grande, alho de cabeça grande. O nome foi dado a este bastão, a esta clava, por causa da forma, pois termina numa protuberância, numa cabeça quase sempre encastoadada de metal para maior resistência e peso na pancada, tal como o *porro*, alho, que embora tenha a haste delgada, termina pela cabeça a que se dá nome de *alho*. Por causa dessa mesma semelhança houve um tempo em que na gíria, se dava o nome de porra ao membro viril. Continuando ainda a metáfora, porque o alho porro produz líquido alvacento, de cheiro acre e rapidamente coagulável, se passou a designar, na linguagem chula do povo o esperma humano com o mesmo nome de *porra*”, registra Silveira Bueno.

HOUAISS, 2015

porra (por.ra) /ô/ s.f. **1** espécie de clava us. como arma **2** pedaço de pau; porrete **3** gros. o pênis **4** gros. esperma **5** gros. algo muito ruim; porcaria interj. infm. gros. **6** expressão de surpresa, espanto, **7** expressa tb. uma reação de dor ou aborrecimento

Essa expressão de baixo calão, assim como algumas das que foram analisadas acima, também não se faz presente no *Dicionário da língua portuguesa* (1943), possivelmente por um dos dois motivos já citados.

O primeiro dicionário aborda “porra” em três significados, são eles: pênis, clava e esperma. As três significações são explicadas a partir da origem do termo, que veio do latim “*alium porrum*”, alho porro, mais conhecido como alho poró, por seu formato que se aproxima de uma clava e de um pênis e pelo seu líquido que se aproxima do esperma humano.

O dicionário Houaiss (2015) aponta sete significações para o termo, sendo as três já citadas acima por Maior (1980), adicionado à utilização desse termo como forma de expressar algo, como surpresa, aborrecimento e coisa negativa. É perceptível, então, que o dicionário

mais atual apresenta as significações tradicionais e as que são faladas pela sociedade. Ou seja, não apenas o lado obscuro do termo, mas tudo que o envolve.

Analisaremos a seguir o termo “puta-que-o-pariu”, mais conhecido como “puta que pariu”.

MAIOR, 1980

Putaqueo-pariu. Interjetiva de admiração ou aborrecimento (Portugal, Brasil). Abons.: 1. “Vá para a puta-que-o-pariu/ E vá parar ao inferno” [...]

O termo está presente em apenas um dos três dicionários estudados, apesar da afirmação que o *Dicionário do palavrão* (1980) fez de que este palavrão é utilizado tanto no Brasil quanto em Portugal, o que deveria ser comum no cotidiano e deveria estar contido nos outros dicionários. No entanto, é possível observar que Maior (1980) considera o termo apenas como uma sentença que expressa emoções, sejam elas de admiração ou aborrecimento.

O dicionário não aborda a etimologia de “puta-que-o-pariu”, mas dá exemplos da sua utilização a partir de trechos de livros portugueses. O que mostra como é comum, no cotidiano de Portugal, essa expressão.

As duas últimas expressões são “vai-te-foder” e “vai-tomar-no-cu”, que, também, estão contidas apenas no *Dicionário do palavrão* (1980), de Mário Souto Maior, sendo excluídas do *Pequeno dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2015) e do *Dicionário da língua portuguesa* (1943). Portanto, tal exclusão não está relacionada com o tempo, pois os dicionários que foram excluídas são antigos e atuais.

MAIOR, 1980

Vai-te-foder! O mesmo que *vai-dar!*

[...]

Vai-tomar-no-cu! O mesmo que *vai-dar!*

Ambas as expressões possuem a mesma significação que “vai-dar” e por esse motivo foi procurado no mesmo dicionário o termo referenciado. O que quer dizer que possuem o mesmo significado entre si, podendo considerá-los como sinônimos. Observemos como “vai-dar” é trabalhado no *Dicionário do palavrão* (1980).

MAIOR, 1980

Vai-dar! Expressão interjetiva de ódio, de revolta, de desabafo, sugerindo que o interlocutor vá ser pederasta (Nordeste).

Portanto, assim como “vai-dar”, “vai-te-foder” e “vai-tomar-no-cu” são formas de expressar sentimentos, tais como “de ódio, de revolta, de desabafo” (MAIOR, 1980, p. 134). A partir dos parênteses, é possível analisar que tais expressões são utilizadas mais comumente no nordeste do país e, quando ditas, estão mandando o receptor ir a algum

lugar, que pejorativamente, trata-se de uma forma de aliviar o sentimento ruim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário ressaltar que quando a expressão estava contida em mais de um dicionário analisado, suas significações conversavam entre si, concordando em pelo menos um significado de cada dicionário.

O *Dicionário da língua portuguesa* (1943), por ser mais antigo, possuía apenas quatro das dez expressões analisadas e focava, principalmente, ou em uma significação mais relacionada ao lado obscuro do palavrão ou ignorando a obscenidade e relacionando a algo do dia-a-dia, como em “dar”, por exemplo.

O *Dicionário do palavrão* (1980), por ser focado apenas nesse tipo de linguagem, abordava diversos exemplos de cada expressão e continha todos os dez palavrões analisados. Algumas vezes trazia os termos como expressão de sentimentos e algumas vezes trazia a origem de cada termo.

O *Pequeno dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2015), por ser o mais atual, apontava as utilizações cotidianas, principalmente, como locuções interjetivas. Esse possuía apenas sete das dez palavras analisadas, o que mostra uma maior introdução do palavrão na fala da sociedade em comparação com o dicionário de 1943.

Tais análises são importantes, pois “cada vocábulo traz, em suas acepções, marcas do histórico-ideológico [...], o que demonstra que, além de colocar em circulação sentidos já dados, produz novos sentidos, [muitas vezes] silenciando outros” (FERNANDES; SOUZA, 2013, p. 59).

O palavrão está presente nas linguagens especiais, o que não o exclui da língua portuguesa, pelo contrário, assim como a gíria, são muito escutados em situações de informalidades. Dessa forma, devem-se abrir caminhos para os estudos destas expressões tão significativas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Gisele Santos; ARAÚJO E SOUSA, Marcus Roberto de. **Gírias, códigos linguísticos como uma afirmação e identidade de um grupo**: uma análise e reflexão da possibilidade de uso no ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa. Belém: sem lugar de postagem nem ano.

BESSA, Waldemberg Araújo. **Gíria**: uma perspectiva de uso em sala de aula. Porto Alegre: UniRitter, 2013.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). **As ciências do léxico**. Campo Grande: Editora UFMS, 2001.

BUENO, Matheus; ORSI, Vivian. **Os palavrões e os dicionários**: estudo contrastivo entre o português brasileiro e o italiano sobre itens tabus. São José do Rio Preto: Memento, 2014.

CABELLO, Ana R. G. **Linguagens especiais**: realidade linguística operante. São Paulo: Uniletras, 2002.

COELHO, Izete Lehmkuhl. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

CORREA, Julio César Portela. **Gíria**: O universo linguístico de adolescentes infratores do Paraná. Londrina: UEL, 2008.

COSTA, Lucimara Alves da Conceição. **Reflexões sobre a variação terminológica na lexicografia corrente no Brasil e a construção das bases teórico-metodológicas para o dicionário de lexicografia brasileira**. São José do Rio Preto: UNESP, 2015.

FERNANDES, Fernanda Surubi; SOUZA, Olimpia Maluf. **De puta às profissionais do sexo**: uma memória da língua. Araguaína: Entreletras, 2013.

GUEIROS, Rosário Farâni Mansur. **Tabus linguísticos**. São Paulo: Nacional, 1979.

GURGEL, João Bosco Serra e. **Dicionário de Gíria**: Modismo Linguístico. O equipamento do brasileiro. Brasília: J.B Serra e Gurgel, 1998.

LARA, Luís Fernando. O dicionário e suas disciplinas. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (org.). **As ciências do léxico**, v. 2. Campo Grande: Editora UFMS, 2004.

MAIOR, Mário Souto. **Dicionário do palavrão**: e termos afins. Recife: Guararapes, 1980.

MARCUSCHI, Luiz. **Fala e escrita**. Belo horizonte: Autência, 2007.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Porto Alegre: Editora Globo, 1943.

SANTOS, Demócrito Cruz; COSTA, Kátia R. L. C. **Palavrão**: um olhar sobre a possível não-arbitrariedade deste signo linguístico. Campo Grande: Sociodialeto, 2013.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1970.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2008.

ZOTELLI FILHO, Natanael Luiz; MAEDA, Raimunda Madalena Araújo. **O palavrão**: contrastes sociolinguísticos entre as definições dicionarizadas e o emprego prático na fala de jovens de Mato Grosso do Sul. Aquidauana: Primeira Escrita, 2014.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise do Discurso 24, 63, 64, 74, 76, 77, 91, 92, 100

Artes 15, 20, 38, 51, 63, 78, 90, 91, 102, 109, 113, 125, 137, 144, 154, 164, 176, 187, 198, 208, 210, 211, 213, 215, 216, 227, 229, 234, 240, 241, 243, 257, 258, 259, 261, 264, 266, 269, 270, 271

Atos de Fala 20, 21, 22, 26, 37, 233

C

Camilo Castelo Branco 198

Concordância Verbal 15, 16, 17, 18, 19

Conto 102, 103, 108, 154, 155, 156, 158, 161, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185

D

Discurso Jornalístico 78, 79, 80, 81, 89

Discurso Jurídico 91, 97

Dramaturgia 202, 208, 210, 211, 212, 213, 214, 215

E

Ensino 4, 5, 6, 8, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 18, 20, 21, 22, 23, 37, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 68, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 117, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 148, 154, 208, 236, 244, 251, 252, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 265, 266, 269

F

Função Social 144, 148, 150

G

Gênero Textual 102, 104, 108, 109

I

Interacionista 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 60

Interpretação 57, 70, 71, 76, 79, 116, 123, 127, 130, 137, 138, 140, 141, 143, 151, 153, 155, 164, 166, 168, 178, 180, 232, 243, 246, 256, 257

L

Letras 15, 19, 20, 31, 38, 42, 51, 58, 61, 63, 76, 78, 91, 92, 102, 103, 111, 112, 113, 125, 136, 137, 139, 144, 146, 154, 164, 165, 176, 179, 186, 187, 197, 198, 208, 216, 217, 227, 230, 242, 243, 258, 265, 266, 269, 270, 271

Língua Estrangeira 8, 10, 11, 20, 21, 51, 52, 53, 54, 58, 59, 60, 61, 62, 138, 139, 142, 143, 258, 259, 260, 264, 266

Língua Materna 9, 20, 51, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 117, 126, 128, 130, 135

Linguística 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 19, 20, 24, 26, 36, 38, 41, 49, 50, 51, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 73, 74, 76, 78, 90, 91, 92, 102, 113, 114, 125, 128, 131, 133, 137, 144, 154, 164, 166, 174, 176, 187, 198, 208, 216, 227, 232, 237, 243, 258, 269, 270, 271

Lírica 164, 166, 167, 168, 169, 171, 174

Livro Didático 113, 114, 115, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 142, 153

Livro Infantil 145, 151, 189

Loucura 99, 100, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 204

Luto 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185

M

Morte 93, 157, 158, 162, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 192, 195, 196, 197, 205, 206, 209, 213

Multidisciplinar 15, 20, 38, 51, 63, 78, 91, 98, 102, 113, 125, 137, 144, 154, 164, 176, 187, 198, 208, 216, 227, 243, 246, 253, 257, 258, 269, 270, 271

Música 28, 118, 119, 227, 229, 230, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266

N

Narrativa Mítica 208, 210, 212, 214

O

Operadores Argumentativos 78, 83, 89

P

Palavras 1, 15, 20, 26, 38, 39, 41, 42, 49, 51, 56, 63, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 78, 80, 81, 82, 86, 89, 91, 102, 110, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 132, 137, 140, 141, 142, 144, 146, 149, 154, 164, 165, 169, 170, 171, 172, 173, 176, 180, 187, 198, 202, 208, 216, 227, 231, 232, 233, 241, 243, 258, 265

Pintura 169, 217, 218, 221, 222, 224

Poesia 149, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 172, 173, 174, 202, 203, 234

Polifonia 78, 79, 80, 81, 82, 83, 90

Prática de Leitura 104, 108, 110, 111, 140

S

Semântica 13, 20, 22, 23, 25, 27, 28, 31, 36, 37, 40, 41, 54, 77, 79, 110, 116, 127, 173

V

Viola 227, 228, 230, 231, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241

Linguística, Letras e Artes e sua Atuação Multidisciplinar 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Linguística, Letras e Artes e sua Atuação Multidisciplinar 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 